

O moinho do Outeiro das Índias (I)

1771, Janeiro, 21, Outeiro das Índias, Sines- Termo de conhecimento do juro de moinho de vento de Francisco Correa Varella.

Tombo dos bens do concelho

AHMS A/2E 1 1767-1848, fls 19v-20

Anno do nascimento de Noso Senhor Jezus Christo de mil e setecentos e setenta e hum annos, sendo em os vinte e hum dias do mes de Janeiro de mil e setecentos e setenta e hum annos, nesta villa de Sines no citio do oiteiro das Indias aonde se axa cituado o moinho de vento de que he possuidor Francisco Correa Varella do mesmo o qual é foreiro ao Concelho desta villa em quarenta reis cada anno pagos por quinze de Agosto sendo ahi o doutor Manoel Manso de Carvalho commigo escrivão da camara abaxo nomiado ahi sendo prezente o dito Francisco Correa Varella por elle foi dito ao dito ministro que elle se constituia a feudatario ao dito concelho pello ditto moinho em quarenta reis d eforo em cada hum anno pagos por quinze de Agosto a que obrigava sua pessoa e bens e protestava não vender em tempo algum o dito moinho nem fazer delle troca per modo algum cem/[fl.20] cem dar parte ao dito concelho ou a quem nelle servir para haver delle pagar seu laudemio e que também protestava cazo que haja de fazer a dita venda ou troca não ser a pessoa poderosa ou das reprovadas pella lei de que o dito Doutor Juis de fora mandou fazer este termo de reconhecimento que com o dito foreiro asinou. Eu Manoel Pires Garrás escrivão da câmara o escrevi.

Ass: Manso Carvalho

Ass: Francisco Correa Varella

Na segunda metade do século XVIII o perímetro urbano da vila de Sines era ainda reduzido. Se observarmos uma planta da vila desse período, podemos observar que a vila terminava a norte, na Rua do Curral (largo da antiga rodoviária), a nascente na Aldeia dos Cucos (actual Rua Luís de Camões), a sul nas barrocas e a poente no sítio dos Penedos. Entre os Penedos e a Ribeira o areal só era interrompido por um altar a Santo Amaro. No século XIX dará origem à Rua Vasco da Gama. Também a área nascente estava em crescimento, para no mesmo século, crescer até à actual Praça da República, o Rossio.

Não é portanto de admirar que o sítio do outeiro das Índias fosse um subúrbio da vila, assim como o eram as Percebeiras e as Barradas (actual Rua das Barradas, que desemboca na Praça da República). No outeiro das Índias, zona ainda hoje açoitada pelos ventos, funcionou um moinho de propriedade municipal, o único de que temos conhecimento.

Para garantir o seu rendimento, a Câmara cedia o usufruto do moinho a troco de uma quantia paga anualmente (o juro), no dia da padroeira da vila, 15 de Agosto. Esta era a data de pagamento dos foros à Câmara, quer fossem em dinheiro quer fossem em géneros.

Mas o município procurava ainda assegurar que o direito cedido sobre o moinho (domínio útil) não fosse vendido ou trocado pelo foreiro a pessoas privilegiadas que reivindicassem a posse do moinho: *e que também protestava cazo que haja de fazer a dita venda ou troca não ser a pessoa poderosa ou das reprovadas pella lei.*

Por outro lado, neste contrato, garantia-se ainda o pagamento do laudémio, uma quantia paga sempre que o domínio útil era cedido a outro foreiro. Muitas vezes os foreiros cediam o seu domínio a outro sem avisar o senhorio.

De facto, o concelho procedeu à elaboração do seu tombo para delimitar claramente os limites das propriedades concelhias, registar o nome dos foreiros e o foro a pagar. No

próximo número publicaremos a confrontação do moinho, isto é, a definição das suas extremas.

Neste documento podemos ainda explorar outra vertente da história de Sines, o da história da técnica. O moinho de vento está documentado em Portugal desde o século XII e este é o registo conhecido mais antigo de moinhos de vento em Sines.

Em conclusão, podemos afirmar que mesmo os pequenos documentos, como este, podem trazer múltiplas informações. Neste caso, sobre a história urbana da vila, a propriedade no Antigo Regime e a história da técnica. Até ao próximo número!

Sandra Patrício

Bibliografia

Para observar a planta mencionada no texto e aprender mais sobre a evolução urbana da vila até à Época Moderna (séculos XV-XVIII), pode-se consultar a seguinte obra, disponível na Biblioteca Municipal:

QUARESMA, António – “ Sines no Trânsito para a Época Medieval para a época Moderna”, in *Da Ocidental Praia Lusitana: Vasco da Gama e o seu Tempo*, Comissão Nacional Para s Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, coord. De Mafalda Soares da Cunha, Lisboa, 1998.

Quanto à propriedade no litoral alentejano, poucos trabalhos existem. A obra mais próxima é a tese de licenciatura da autora deste texto sobre a propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Santiago do Cacém com informação sobre a propriedade desta instituição em Sines e alguma bibliografia. Está disponível no Arquivo Municipal de Sines:

SILVA, Sandra Patrício da – *Santa Casa de Misericórdia de Santiago do Cacém: uma entidade senhorial*. Separata do número 3 , tomo II da Revista *Estudos*,Coimbra, 2004.

Finalmente, no que respeita aos moinhos em Portugal, pode-se consultar a título de introdução ao tema, o seguinte artigo, também disponível na Biblioteca Municipal:

OLIVEIRA, Ernesto da Veiga de – “ Moinhos” . *Dicionário Ilustrado da História de Portugal*, vol. I. Lisboa: Alfa, imp. 1990.